“TUDO O QUE NÃO É O AMOR É O MAL DO MUNDO”: A JORNADA AO ENCONTRO DO AMOR DA PERSONAGEM CLARA EM A ETERNIDADE E O DESEJO, DE INÊS PEDROSA

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

BARBOSA; Elionete Rodrigues [1]

RESUMO

“TUDO O QUE NÃO É O AMOR É O MAL DO MUNDO”: A JORNADA AO ENCONTRO DO AMOR DA PERSONAGEM CLARA EM *A ETERNIDADE E O DESEJO*, DE INÊS PEDROSA

Elionete Rodrigues Barbosa[1]

Resumo

Este artigo busca refletir sobre a construção da personagem Clara, protagonista da obra *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa[2], destacando como impulsionadora de suas ações a busca pela compreensão de si e do amor. Nesse sentido, procura-se analisar como a personagem em foco utiliza, como fonte principal das reflexões sobre si mesma, uma viagem que ela realiza por determinados lugares da Bahia, com o propósito de refazer uma rota já feita por padre António Vieira, no período do Brasil colonial e resgatar o passado vivido com o namorado António, já falecido. O objetivo principal deste trabalho é entender como a jornada de Clara – ao mesmo tempo exterior e interior – ilumina a sua condição de mulher cega e como são elaborados os significados do amor e da amizade que ela depreende de suas lembranças do Brasil e das palavras ditas por Vieira em seus sermões e lidas por ela antes de sua deficiência visual, dando conta da arquitetura dessa personagem cheia de individualidades contraditórias. Na busca de embasamento teórico, este estudo utilizará as contribuições de Jacques Le Goff (2013), Marcelo Franz (2016), Ronaldo Vainfas (2011) entre outros.

Palavras-chave: Inês Pedrosa, *A eternidade e o desejo*, Antônio Vieira, Amor.

1 Introdução

A eternidade e o desejo (2007), da escritora e jornalista Inês Pedrosa (1962), publicado em novembro de 2007, em Portugal, é o primeiro livro da autora ambientado no Brasil, sobretudo, a cidade de Salvador.

Sabe-se que a elaboração do romance foi iniciada em setembro de 2005, quando Pedrosa fez uma viagem ao Brasil- assim como sua protagonista Clara-, para visitar os lugares percorridos por Padre António Vieira[3]. Daí, desse percurso, surgiu a ideia para o romance aqui analisado. Quanto ao título: *A eternidade e o desejo*, de acordo com a própria escritora em uma entrevista dada por ocasião do lançamento de seu livro no Brasil, em 2008, na 6ª Feira Literária de Paraty (FLIP), surgiu da leitura do “Sermão de Nossa Senhora do Ó”, escrito por Vieira, o qual fala sobre as nuances que unem e separam a eternidade e o desejo.

A história se constrói a partir da personagem Clara, uma jovem professora Universitária portuguesa que é cega, que decide retornar ao Brasil, revisitando os lugares frequentados por Padre António Vieira e por ela, anos antes. Essa jornada terá como bússola norteadora as lembranças que a protagonista tem de seu passado no país, marcado por uma experiência traumática pois, ao ser atingida por um tiro, perde a visão e o homem amado, assim como a leitura dos sermões de Vieira, figura da qual a moça direciona grande empatia e admiração.

O romance é dividido em duas partes: a primeira e maior é a eternidade e a segunda, bem menor, o desejo. O fio central da trama é conduzido por Clara - que além de personagem é uma

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

das principais narradora - seguido de seu leal amigo Sebastião, o qual mantém um amor não correspondido pela amiga. Além deles, temos o cineasta Emanuel, novo amor de Clara, Clara (viúva de António), e os Antónios (namorado falecido e Padre António Vieira) que, mesmo não aparecendo de forma física, não deixam de ser também personagens importantes dessa narrativa.

2 A experiência de rememorização

A memória é definida no dicionário como "faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos"[4] . Desse modo, o sujeito, de forma individual, porta uma memória que se apresenta cheia de significados próprios desse indivíduo. Entretanto, essas lembranças não seguem uma ordem, ela se constitui de emaranhados desordenados que, na maioria das vezes, não podem preservar tudo o que foi vivido, cabendo à nossa mente selecionar essas lembranças e vivências de modo muito particular e subjetivo.

De acordo com Jacques Le Goff, em História e memória (2013):

a memória é a propriedade de conservar certas informações. Ela nos possibilita acessar a um conjunto de funções psíquicas, capazes de fornecer ao homem a atualização de impressões ou informações passadas de uma existência, revisitando-as e atribuindo-lhe novos significados.

Nesse contexto, a memória pode servir de reflexão sobre a construção do caráter social do indivíduo, assim como "pode vir a intervir não só na ordenação dos vestígios de sua história, bem como em uma releitura dessa" (LE GOFF, 2013, p.424), assim:

ao sentir um cheiro, ver uma imagem, sentir um sabor ou ir a um lugar específico lembramos de momentos vividos no passado que são rememorados, por meio desses elementos evocativos do presente, o que permite dizer que a memória tem representações do presente na construção das nossas recordações. Quando lembramos um fato ou de um acontecimento, não estamos os recordando do modo exato como o mesmo ocorreu, mas é um passado sendo reconstruído a partir do presente com troca de influências entre ambos os tempos (SANTOS e OLIVEIRA, 2020, p. 11).

Note-se, que o ato de lembrar funciona como uma tentativa de unir o que percebemos e o que criamos do mundo. Desse modo, ele é indispensável à nossa formação enquanto indivíduos e, sobretudo, na construção da nossa personalidade.

2.1 A "Eternidade": as lembranças de Clara e a busca pelos Antónios

Na primeira parte do romance aqui analisado, a "Eternidade", é descrito o passado de Clara com António em Lisboa e no Brasil, e a devoção que a protagonista desenvolve por padre António Vieira. Através dessas lembranças, narradas em primeira pessoa pela protagonista, é possível conhecer a experiência que ela vivenciou antes de se tornar cega e de sua motivação para vir novamente em excursão ao país de seu amado, acompanhada de seu amigo Sebastião.

O livro inicia já com Clara narrando um sonho que teve sobre o retorno a Salvador. Nele, a protagonista descreve as lembranças da cidade da cidade e o desejo de reencontrar alguém. Assim, diz a Sebastião:

a noite passada sonhei que voltava à Bahia. O sol atacava a pique, e eu andava de igreja em igreja à procura de alguém que não conseguia encontrar. Na rua, a força do sol impedia-me de ver, nas igrejas ficava atordoada com o excesso de turistas e talha dourada. Queria gritar, mas não conseguia. Dizes-me que é uma sensação muito comum, nos sonhos. Mas eu creio que já não posso voltar a ser uma pessoa muito comum (PEDROSA, 2008, p. 13).

Nesse trecho, o sonho de Clara demonstra uma ambiguidade de significados de sua busca.

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

Fica o interdito de quem será a pessoa que ela buscava nas igrejas: o António, já falecido? Ou o orador jesuíta? Quem ou o quê, de fato, ela procura nessa jornada. Nas palavras da personagem: "Extraordinária coincidência, termos sido chamados por António Vieira. De certa maneira, foi ele que me levou ao Brasil pela primeira vez" (PEDROSA, 2008, p. 20). Assim, o sentimento da protagonista por António professor e a admiração pelo António Vieira, se mesclam e tornam-se uma coisa só.

3 "Tudo o que não é o amor é o mal do mundo": a ressignificação do amor para Clara

Em toda a narrativa de *A eternidade e o desejo*, Inês Pedrosa utiliza como pano de fundo o amor, ou a falta dele, como forma de explicar as ações das personagens. Essa metáfora do querer humano escolhido pela autora portuguesa será o guia de busca de sua personagem central – Clara-, assim como de outras como Sebastião e até mesmo os Antónios (professor e orador). Cada um, a seu modo, desenvolverá um trajeto próprio e particular de encontrar-se a partir do enfrentamento desse sentimento em suas vidas. Nas palavras do padre António Vieira:

pinta-se o Amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete anos, como o de Jacob, nunca chega à idade de uso de razão. Usar de razão, e amar, são duas coisas que não se juntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com afetos, e um entendimento sem uso. [...] Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. [...] Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos Pintores do Amor lhe vendaram os olhos (VIEIRA apud PEDROSA, p. 30).

Ao serem confrontados com o amor ou a falta dele, alguns vão enfrentar obstáculos como morte, deficiência e limitações. Outros, a falta de empatia, traição e abandono. Nesse sentido, a jornada de cada personagem - ambientada no Brasil e permeada pela cultura brasileira e baiana, vista e entendida pela ótica de uma mulher portuguesa - vai dando consistência a arquitetura destes seres de forma isolada, assim como também destacando os possíveis elos que se apresentam na trama de Pedrosa, sobretudo a relação de todas as personagens com Clara, aspecto que será analisado no tópico seguinte.

3.1 É verdade que o amor cega, paralisa, entorpece, mas para tudo o que não é amor

O relacionamento que Clara teve com o professor António, será o fio que tece a narrativa de Pedrosa, pois a aproximação e a rejeição sofridas pela protagonista do romance, darão as cores singulares de *A eternidade e o desejo*. No entanto, mesmo este sendo o mote principal, serão as memórias de Clara que mostrarão como esse fatídico encontro/desencontro aconteceu e o quanto foi um divisor de águas na vida dela. De mulher livre, destemida e apaixonada, Clara muda para uma pessoa com limitações, tanto física (agora cega) quanto emocional. Há, nessas mudanças e no contorno dessa personagem muitas ambiguidades que Pedrosa desenvolve na trama, sendo duas as principais: os significados dados à "cegueira" de Clara e os sentimentos dela pelos Antónios. Isso é verificado na voz da personagem que diz: "É verdade que o amor cega, paralisa, entorpece — mas apenas para tudo o que não é o amor. E tudo o que não é o amor é o mal do mundo. Não vale nada" (PEDROSA, 2008, p.20). Note-se que aqui se inicia o jogo da autora com a deficiência visual de Clara. De outra forma, também investe no duplo de Antónios pois, na fala da personagem central, não há dissociação do querer entre os dois: "Eu queria ficar para sempre com aquele homem. Chamava-se António, como o meu Padre, sim" (PEDROSA, 2008, p.44). Os sentimentos pelo professor António vão sendo descritos de acordo com as mudanças que ocorrem com a protagonista. Primeiramente, a paixão que foi forte o bastante para fazê-la cruzar o oceano em busca desse homem. Nas palavras de Clara:

vim para a Bahia atrás daquele que o meu desejo me dizia ser o homem da minha vida.

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

Conhecemo-nos na universidade, um seminário internacional. Ele tinha um desses rostos picantes, descoordenados, nariz enorme, boca pequena, olhos cavados como poços de água escura. Tinha também aquela irresistível voz grave de quem fuma muito. Era especialista em literatura portuguesa — no meu querido António Vieira (PEDROSA, 2008, p. 44).

Clara fala sem rodeios ou vergonha do que sentiu ou fez para vivenciar seu desejo pelo amante. Não se nota arrependimentos de suas ações, apenas uma lembrança que demonstra saudade do vivido com ele. Logo, ao confessar suas emoções ela não poupa nos detalhes:

quando dei por mim estava perdida no nebuloso e exaltante Horto da paixão. Um toque dele, um breve esboço de um beijo… era uma tortura. Ele explicava-me que António Vieira fizera implodir as convenções da escrita e do pensamento da sua época, honrando a razão humana através de uma ousada dissecação ou distorção dos textos sagrados, e eu sentia-me implodir por dentro. As palavras dele tinham um efeito direto de ebulição sobre o meu corpo (PEDROSA, 2008, p. 44).

Aqui, é percebido a hibridez do desejo da personagem, no qual se misturam corpos e palavras como sendo uma coisa só, e que ambos têm o poder de trazer-lhe excitação e prazer. Essa combinação, que é ao mesmo tempo metáfora e metalinguagem, fazem parte da escrita de Pedrosa durante todo o livro.

Em sua jornada, a professora portuguesa vai buscar nas palavras, sejam dela, de seus amigos, namorado ou de Vieira, o sentido para o que viveu e vive, assim como também, através delas, uma forma de enxergar o mundo. Em momento algum, nas suas rememorizações, ela parece lembrar da rejeição dele por ela, da traição, ou mesmo culpá-lo pela sua deficiência, o que, de certa forma, dá-nos uma interpretação de que a metáfora da "cegueira" de que ela se encontra, faz parte da composição da protagonista. Como ressalta António Vieira em suas palavras:

a paixão é a que erra, a paixão a que os engana, a paixão a que lhes perturba e troca as espécies, para que vejam umas coisas por outras. E esta é a verdadeira razão ou sem-razão, de uma tão notável cegueira. Os olhos veem pelo coração, e assim como quem vê por vidros de diversas cores, todas as coisas lhe parecem daquela cor, assim as vistas se tingem dos mesmos humores, de que estão, bem ou mal, afetos os corações (VIEIRA apud PEDROSA, 2008, p. 68)

Essa falta de entendimento sobre o que se passou de fato em seu passado entre ela e o namorado falecido é corroborada com a reflexão de Vieira, como visto na citação acima. Assim, Clara confessa que é do amor que ela direciona a António que vem o sentido para sua existência e para continuar vivendo, o que configura, paradoxalmente, esse sentimento como uma ilusão ou escolha racional ao extremo da protagonista, já que, para Vieira: "os homens não amam o que cuidam que amam.

3.2 Deixou a palavra escrita aos homens, talvez por amor

O livro *A eternidade e o desejo* em sua composição estrutural traz como complemento de sua narrativa alguns sermões do padre António Vieira. Ele se faz presente como personagem, mesmo não sendo física sua presença no livro. A figura do orador sacro jesuíta é constante e gira em torno da protagonista principal assim como em outros personagens próximos a ela. Se o António namorado de Clara é o fio condutor inicial do romance, António Vieira é a bússola que direciona as ações da protagonista. Além de se fazer presente como iluminador da jornada de Clara, as palavras de Vieira (sermões) vão sendo incorporadas ao texto, como se ele também fosse um narrador que em alguns momentos observa as ações das personagens e em outros dialoga de forma reflexiva sobre elas. A intertextualidade é tão bem costurada que, em muitos momentos, não é possível distinguir quem fala no texto, se Clara, Vieira ou Pedrosa. De acordo com Franz:

A "autoapresentação" de Clara se mostrará dependente das referências às palavras de Vieira. Mas

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

a razão de seu apego à arte vieiriana, com a complexa “realização de sentido” procedida por ela aos textos que cita a todo o momento, tem origem na sua relação com as circunstâncias de sua última experiência de leitura real (antes da cegueira) dos sermões do padre jesuíta (FRANZ, 2016, p. 255).

No livro, a admiração de Clara por Vieira, como dito anteriormente, se dá de início através do professor António que era um estudioso da obra do orador jesuíta. A partir desse encontro com o brasileiro, ela vai manifestar uma empatia e amor pela figura de Antonio Vieira, por suas palavras e trajetória de vida.

Sobre esse sentimento, ela confessa que “não existe uma causa específica para o amor que sente por Vieira” (PEDROSA, 2008). De acordo com a personagem:

o amor não tem causa. [...], mas posso dizer-te que António Vieira era um belo homem. [...] Sim; belo, até dessa maneira imediata que se tem como ofensa: alto, espadaúdo, de olhos amplos, vestido com uma túnica grosseira, mais parda do que preta. Dormia pouco, comia farinha de pau, lia Santa Teresa de Ávila e, sobretudo, tinha o poder de transformar o mundo através da palavra. Teve esse poder como mais ninguém, até hoje (PEDROSA, 2008, p.23).

A admiração de Clara pelo escritor e orador jesuíta durante sua jornada no Brasil vai conduzi-la a uma proximidade também pelo verbo a tal ponto que não aceita nenhum tipo de crítica feita ao seu Vieira, como ela o chama. No entanto, Ronaldo Vainfaz apresenta uma opinião bem diferente da dela. Para ele, “António Vieira era frio, calculista, fazia de si mesmo um personagem, escrevia o roteiro e o executava em cena. Era retórico por excelência e artista por vocação” (VAINFAZ, 2021, p. 103).

No entanto, Clara desculpa o seu padre e busca compreender que todas as suas ações foram para conseguir seguir o caminho que ele traçou para sua existência. Daí, que o “dizer vieirano”, para a personagem, representa entendimento necessário a ela para encontrar, assim como o padre, o porquê de sua existência.

3.3 Sebastião, és um homem de bem. Lindo menino.

Depois do ter levado acidentalmente um tiro que lhe tirou a visão, Clara vai se distanciar das pessoas que fizeram parte de seu passado antes do acidente, tendo em Sebastião um amigo que estará mais próximo dela, pois o conhecera já estando em sua condição de cega. Mesmo sabendo que este lhe direciona outros sentimentos que não somente o da amizade, ela vai mantê-lo ao seu lado, inclusive como parceiro de uma excursão que faz ao Brasil. Para Clara, o amor declarado que Sebastião diz sentir por ela não segue uma lógica dos afetos humanos, mas sim de uma peculiaridade de alguns em gostar de pessoas que apresentem alguma deficiência, o que pressupõe uma depreciação de si, no momento presente, pela sua deficiência. E, por isso, até brinca com as declarações que ele faz a ela:

Juras que não é por eu ser cega que tu gostas de mim. Sustento que aí está uma coisa que nunca poderemos saber na verdade. Uma coisa que, aliás, é sempre mentira. [...] Um dente a menos — e quem diz um dente diz um braço, uma mama, o um olho — e lá desaparece o fascínio. [...] Repito que a atração entre as pessoas — seja ela amor ou amizade — está presa por detalhes físicos muito específicos. Faço-te notar que aquilo que te aproximou de mim foi a minha cegueira. Existe a atracção pela deficiência, e não é diferente da atracção por um corpo escultural (PEDROSA, 2008, p. 41).

Apesar das limitações de Clara pela falta de visão, a dependência entre ambos é ambígua, pois não se sabe ao certo quem precisa mais de quem. Enquanto a protagonista utiliza os olhos de

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

Sebastião para contar-lhe o que vê, ele teme que ela se aproxime de outro homem e se afaste dele. Esse sentimento de insegurança e ciúme é visto em trechos como:

Dorme Clara, deixa-me entrar nos teus sonhos, enxotar esses fantasmas que te desassossegam, varrer esses homens que não são dignos de beijar a fímbria do lençol onde os teus pés espreitam. [...] quero que o lume dos meus olhos derreta a porta do teu coração, quero que os meus olhos acendam os teus, dou-te os meus olhos, e dentro deles o rio da minha sede, um rio curvo, cheio, como o teu corpo, cegaria para todo o sempre por ti, Clara, para ficar às escuras dentro de ti (PEDROSA, 2008, p.47).

Note-se no referido trecho um tom de súplica de Sebastião dirigidos a Clara enquanto vigia seu sono descritos de forma poética e sensual. Há, na escrita de *A eternidade e o desejo,* esse jogo poético e sinestésico das palavras o que torna a leitura do livro um manar de sensações. Muitas vezes parece que a autora traz o erotismo como pano de fundo dos temas desenvolvidos na narrativa, como a metáfora dos olhos, trazidos no trecho acima como mar, como corpo, como sexo. Como nos diz Cunha (2018, p. 116): "a sinestesia de *A eternidade e o desejo* através do jogo com as palavras confere-lhe a hibridez de sensações manifesta na configuração das personagens e na estrutura formal da narrativa".

Além das sensações, as palavras são sempre respostas e orientação para Clara. Elucidativo destas características é sempre visto na forma como a personagem interpreta as palavras como síntese do que gira em torno das pessoas e do mundo e toma suas decisões com base nelas. Assim, a protagonista passa pelas provações de reconhecer a "verdade" que almejava e mesmo tendo escolhido vir acompanhada por Sebastião na excursão pelo Brasil, ela a busca sozinha. Nessa jornada, ela conhece Emanuel e Clara (viúva de António) e, mesmo magoando seu amigo, ela decide ficar em Salvador na esperança de um recomeço.

3.3 Atravessei o mar inteiro para te conhecer

Pedrosa, na tecitura de *A eternidade e o dese*jo, vai descrever as características religiosas do Brasil. Para isso, a autora faz uma intersecção entre realidade e fantasia, sobretudo quando relaciona fatos narrados ligados ao candomblé, como já citados neste trabalho. A forma como ela expõe essa religião e as problematizações dela com suas personagens é que dá o tom de inovação a sua narrativa. Como exemplo disso temos o envolvimento um jovem cineasta brasileiro que ela conhece em uma de suas andanças por Salvador, e que se apresenta a ela como Emanuel Viana.

Logo no primeiro encontro, ao convidá-la para fazer um filme sobre uma moça cega, Emanuel já causa uma forte impressão na moça, o que faz com que queira saber mais sobre ele: "Sebastião? Quem é este rapaz de fala felina? Quem é este homem que fala como se me acariciasse, quem é este desconhecido que traz na garganta as notas da minha música" (PEDROSA, p. 50).

Na medida que a relação de Clara com Emanuel vai se tornando mais intensa, mais a sua integração à religião do rapaz também. Vejamos o seguinte trecho:

Emanuel pede-me: —Vem, Iansã[5]. Vem comigo. Lembro-lhe que o meu nome é Clara, responde-me que esta noite não. — Esta noite você é a senhora dos raios. Oxaguiam[6] sou eu, o jovem orixá da criação e da justiça final. Juntos somos imbatíveis. Vou contigo, Emanuel? Conheço as tuas mãos, conheço-as porque as desejo. A surpresa do desejo cai no meu coração como neve, ilusão branca de eternidade. Mas será que te conheço? Dizes-me que te conheço, sim. Que atravessei o mar inteiro para te conhecer. Emudeço" (PEDROSA, 2008, p. 80).

Desse modo, a protagonista descobre que é Iansã- deusa guerreira que conquistou o coração de Xangô – e que ele, Emanuel, é Oxaguiam, seu amado e único que pode conter sua fúria. Clara, rende-se ao chamado do cineasta e ao desejo que sente por ele. Daí em diante é o

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

sentimento por Emanuel que vai direcionar as ações dela. Nesse sentido, cabe uma reflexão de Vieira sobre a ordem dos sentimentos ou dos afetos:

questão é curiosa nesta Filosofia, qual seja mais precioso e de maiores quilates: se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogénito do coração, o morgado dos afetos, a flor do desejo, e as primícias da vontade. Contudo, eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre: o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor (VIEIRA apud PEDROSA, p. 50).

No trecho em evidência, Vieira fala sobre a hierarquia e importância do amor. Para Clara, não tem como dissociar a importância do amor que ela sentiu por António do amor presente por Emanuel, pois foi necessário passar pelo primeiro para chegar no segundo. E, sem medo de sofrer, ela se entrega a esse sentimento:

digo-te que ardo de desejo por ti. Perguntas-me se ouço o sussurro do mar, respondo-te que escuto apenas o marulho do teu corpo chorando pelo meu. Dizes -me que abra a tua pele e me feche dentro dela. Digo que o teu corpo tem perfume de deserto, um gosto de areia distante do mar. Dizes que o teu corpo precisa da água do meu sexo. Digo que quero sentir o teu corpo inteiro dentro do meu. Agora. Agora, sim. Tapas-me a boca com os teus dedos compridos, hábeis. Dizes-me que não fale mais, que já tem palavra de mais nesse mundo (PEDROSA, 2008, p.80),

Assim como o encontro de Clara com a esposa de António foi uma espécie de libertação, o amor por Emanuel também o será para a moça. Através dele, ela volta a sentir-se novamente desejável ao mesmo tempo que deseja, e Clara tem plena consciência desse efeito causado pelo jovem em sua vida.

No enredo que Pedrosa nos oferece neste romance, destaca-se o fato de que a personagem central, justificada pela falta de visão e por ter sofrido uma desilusão amorosa, necessita fechar o círculo de suas relações amorosas para seguir adiante. Assim, diante da realização desse desfecho, concretizada pelo relacionamento com Emanuel, Clara termina a narrativa confessando que é na amizade de Clara e no corpo de Emanuel que ela é feliz, e que não precisa de mais nada. Já tem o que veio buscar em sua jornada no Brasil: o amor.

4 Considerações Finais

Em *A eternidade e o desejo*, Inês Pedrosa, além de fazer uma homenagem a vida e aos sermões de padre António Vieira, traz como pano de fundo um romance de viagem, o qual terá no Brasil seu objeto de descrição, em destaque, a cidade de Salvador. Através da jornada de uma mulher cega que sai de seu país em busca de encontrar-se, tendo como orientação as palavras de Vieira, a autora desenvolve uma trajetória intimista dessa personagem, na qual as descobertas que ela vai fazendo ao longo desse percurso, vão compondo a arquitetura dela. Clara vai se mostrar como protagonista de sua história. Que mesmo com sua deficiência visual e seus traumas, será capaz de dirigir a própria vida, a partir de suas escolhas.

Ressalta-se que o protagonismo alcançado pela personagem feminina na obra não direciona a nenhum debate sobre questões de gênero, mas de temáticas do ser humano. Apesar de ser conhecida por ser uma escritora que destaca personagens mulheres em seus livros, isso aparece mais na camada superficial dos enredos em si. Logo, é apresentada outras temáticas como a saudade, a amizade e o medo da solidão. Isso tudo em forma de anseios pessoais de personagens que se encontram em crise existencial, e que buscam solucioná-la, assim como Clara o fez.

No livro, a personagem central consegue sair desse abismo em que se encontrava e curar suas feridas através do encontro com a verdade sobre o seu passado. Daí a metáfora de sua

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

cegueira, já comentada neste trabalho. Clara por não "enxergar" quem era António, se encontra perdida nas lembranças do passado. E somente com a "luz" da reflexão das palavras de Vieira, ela inicia esse processo de entendimento, que vai desde descobrir o verdadeiro caráter do namorado falecido, de libertar-se da dependência emocional que tinha com Sebastião, da mudança de país, e no relacionamento com Emanuel. Todos esses fatores só se concretizam porque a moça, mesmo sem a visão, passa a interpretar com clareza os fatos que ocorreram com ela antes e a natureza de seus sentimentos pelas pessoas que fizeram e fazem parte de sua vida.

A partir dessas descobertas, a personagem que embarcou nessa viagem (exterior e interior) encontra o que procura, que é um país onde se sente acolhida, o prazer de vivenciar a amizade com outra mulher, fato novo para ela, já que sempre menosprezou esse tipo de proximidade, e, por fim, o amor por um homem.

Referências

CUNHA, Tainara Quintana da. **Muito além do mar:** migração e alteridade nos romances de Inês Pedrosa. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Letras da Universidade Federal do Rio Grande - RS, 2018. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/FURG_214490e1e8a239533830ab8d37270ddd. Acessado em 12 de out de 2023.

FRANZ, Marcelo. A eternidade e o desejo: lembrar, ver, dizer. **Revista USP: Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, 253-270, junho/2016. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/106176. Acesso em 26 de out de 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. 7. ed. Campinas,

São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

PEDROSA, Inês. **A eternidade e o desejo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. (Orgs). Coleção **Memória e Práticas na Formação de Professores** - Adriana Kivanski de Senna e Rita de Cássia Grecco dos Santos (Coordenadoras) [edição eletrônica] Porto Alegre: Mundo Acadêmico, 2020.

VAINFAZ, Ronaldo. **António Vieira:** jesuíta do rei. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

[1] Doutoranda do Curso de Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará-UFC, e-mail: belionete@gmail.com.

[2] Jornalista e escritora, nascida em Coimbra. Foi diretora da revista Marie Claire em Portugal, de 1993 a 1996. Estreou-se na literatura em 1991, com o livro infantil *Mais Ninguém Tem*. No ano seguinte, surge o seu primeiro romance, *A Instrução dos Amantes*. Em 1997, lança *Nas Tuas Mãos* , que lhe vale o Prêmio Máxima de Literatura. Publicou depois *Fazes-me Falta* (2003) e *A Eternidade e o Desejo* (2007) e Os Íntimos (2010). Fonte: INES Pedrosa.com. Disponível em: <http://www.inespedrosa.com/index.html>. Acesso em 6 nov. 2023.

[3] "O jesuíta, político, pregador e escritor seiscentista, nascido em Lisboa e falecido em Salvador da Bahia, é talvez o maior prosador da lusofonia em todos os tempos. Seus magníficos sermões, proferidos quase sempre acerca de eventos da época e destinados a plateias específicas, superaram a barreira dos séculos para se tornarem peças literárias imortais" (VAINFAZ, Ronaldo, 2011, p. 1).

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com

[4]Michaelis - Dicionário de Língua Portuguesa e estrangeira publicado no Brasil pela Editora Melhoramentos.

[5] "Tão poderosa quanto o seu marido Xangô, Iansã é uma deusa que percorreu vários reinos em busca da sabedoria de outros orixás. Utilizando de sua ampla capacidade de despertar a paixão, aprendeu várias habilidades pertencentes a outras divindades. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/religiao/iansa.htm. Acesso em 03 de nov de 2023.

[6] “Senhor dos contrastes, poderoso estrategista e astucioso, Oxaguiã é o guerreiro jovem da família dos orixás fundus” (GEORGE, 2009, p. 308).

PALAVRAS-CHAVE: Inês Pedrosa, A eternidade e o desejo, amor

[1] Universidade Federal do Ceará-UFC, belionete@gmail.com